

A EDADE DA PEDRA NO BRASIL

---

MEMORIA

APRESENTADA AO

Terceiro Congresso Scientifico-Latino Americano

REUNIDO EM AGOSTO DE 1905,

NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

PELO

DR. NELSON C. DE SENNA

(NATURAL DE MINAS GERAES)

A' MEMORIA DE

*Pedro Guilherme Lund*

O SABIO EXTRANGEIRO QUE FOI O CREADOR DA PALEONTOLOGIA  
NO BRASIL.

E DE

DOMINGOS SOARES FERREIRA PENNA

O MODESTO SCIENTISTA BRASILEIRO QUE FOI O SEU CONTINUADOR

O. D. C.

ESTE ESTUDO O AUTOR



MINAS GERAES

MCMV

## ADVERTENCIA

«Arma antiqua manus, unguis, dentesque fuerant,  
«Et lapides, et item sylvarum fragmina rami;  
«Posterius ferri vis est, etis que reperta.  
Sed prius etis erat quam ferri cognitus usus».

[LUCRECIO—*De Rerum natura*].

«Os homini sublime dedit, eorumque tueri  
«Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus».  
Ovidio—*Metamorphoses*, I, 85).

Abrindo esta insignificante *Memoria*, com o patrocínio tutellar de dous dos maiores poetas e pensadores latinos, fazemos a nossa profissão de fé, na afirmação de que ainda e sempre serão a latinidade e os estudos classicos o fundamento substancial da cultura intellectual perfeita entre modernos.

Mão grado o vaticínio agoureiro de que a latinidade perece, nestes tempos actuaes, em que o *fa presto* (trabalhar depressa) é a nota dominante de todos os espiritos vestidos á moda coéva—pensamos, e comnosco uma legião de escriptores occidentaes, qual mais eminente que a volta ao seio fecundo das letras gréco-romanas importa num *renascimento*, sob todos os pontos de vista.

Não foi de balde que invocámos Lucrecio e Ovidio.

O primeiro, Titus Lucretius Carus de nome, nascido quasi um seculo antes de Christo (658-700), viveo nos tempos agitadissimos de Mario e de Sylla, abeberou o seu espirito na cultura philosophica dos Hellenos, estudando com Zenon, discipulo da escola philosophica de Epicuro, e, depois de compôr o seu genial poema didactico, *De natura rerum*, em seis livros (56 annos antes do nascimento de Jesus), já saturado das amarguras da vida, afundou na escuridão do tumulo pelo suicidio, aos 42 annos de existencia...

No seu poema, dedicado a Memmius, e hoje entre nós vulgarizado, principalmente pelas traducções francezas (De Pongerville, abbade de Polignac, Sully-Prudhome, André Lefèvre) se encontram verdades scientificas, agora generalizadas, mas que naquelle tempo representavam intuição verdadeiramente genial.

O infinito do espaço e do tempo; a eternidade e a indestrutibilidade da matéria; as primeiras edades da terra e a gradual evolução dos seres organizados; os aspectos da vida selvagem do *homo primigenius*, que habitava no sombrio dos bosques e no interior das cavernas (*nemora cavosque montes*, segundo Lucrecio); emfim, todos os grandes problemas da Natureza estão alli, nos versos admiraveis do poema latino, desvendando-nos, ha perto de 2.000 annos, os segredos famosos da historia da criação.

O delicado Sully-Prudhomme traçou (1869) um bello e completo estudo analytico sobre Lucrecio e a sua obra; é ainda o melhor comentario de *De natura rerum*, em que põe a Lefèvre, para quem Lucrecio não passou de um eloquente interprete de Epicuro, e de um seguidor de Zenon de Eléa, de Empedocles e Xenophonte, versado que era no conhecimento da seductora philosophia grega.

Vide ANDRÉ LEFÈVRE, *La nature des choses*, Paris, 1878, na «Bibliothèque des Sciences Contemporaines», volume: *La philosophie*.

«Tambem Ovidio (Publius Ovidius Naso de nome, nascido em Sulmo, 48 annos antes de Christo), e que experimentou os dissabores do exilio no Ponto Euxino, onde morreu, nos descreve o ente racional da criação, levantada a frente para o Creador (*os sublime*), e já dotado de intelligencia, como um ser perfeito de faculdades (*mens capax altae*) no seio da Natureza primitiva. Sem o descortino genial de Lucrecio, embebeo-se, entretanto, Ovidio nos ensinamentos da philosophia de Pythagoras, e chegou a vasar, no canto XV.º das *Metamorphoses*, a concepção da unidade da matéria, debaixo das transformações successivas, que esta soffre. Tiramos de Nisard a tradução desse formoso canto:

«Tudo muda, nada perece: o sopro vital erra de um lugar para outro, anima todos os corpos, o animal após o homem, o homem depois do animal, e não morre nunca. Assim como acera docil que recebe todas as moldagens e permanece sempre a mes ma, sob as fórmulas mais diversas, a alma tambem fica sempre immutavel, debaixo das diferentes apparencias dos corpos para que ella emigra. Toda forma é «ephemera».

E assim, si no canto XV.º Ovidio lançava a «doutrina do transformismo», que hoje domina toda a sciencia moderna (Paul Mougeolle, *Les problèmes de L'Histoire*, Paris-1886), exemplificando o seu verso com as mutações do scenario social do mundo antigo, e por outro lado affirmando o principio da «Unidade da matéria»; já, no canto I.º do mesmo poema mythologico (*Metamorphoses*), o poeta tivéra a intuição—imitada de Hesiodo—da divisão das edades pelos *metaes*, correspondendo aos 4 estadios de uma vida superior, decahindo sempre para o grão inferior: a idade do ouro, a da prata, a do bronze e a do

ferro. Ahi, porém, é que está a differença entre as divisões das edades, na cosmogonia poetica, e na sciencia moderna.

Na primeira ordem é descendente; na Prehistoria é o contrario: o movimento da cultura humana é ascendente. Da idade da pedra attinge-se o andar superior da idade do bronze (proto historica) e desta ao periodo quasi ou definitivamente historico: a idade do ferro.

Tal a classificação das tres edades prehistoricas, segundo a matéria de que os homens primitivos fabricavam os seus rudes e grosseiros instrumentos, armas e utensilios, na evolução humana constatada no Velho e Novo Mundo pelas pesquisas e descobertas da Archeologia, a partir do começo do seculo XIX até hoje.

Não poderá, todavia, negar a Sciencia o contingente, que recebeu das doutrinas de Lucrecio, de Epicuro, de Zenon, de Plinio, de Theophrasto, de Ovidio e de outros classicos e sabios latinos e gregos.

Está justificada a nossa *Advertencia*. Passemos ao assumpto desta *Memoria*.

Bello Horizonte (Minas-Brasil)—Maio de 1905.

Nelson C. de Senna



## BIBLIOGRAPHIA

DOS

Principaes autores citados nesta Memoria e dos que devem ser consultados para o estudo do assumpto

DR. JULIO TRAJANO DE MOURA—*Do homem americano* (brilhante these de concurso). Fac. de Medicina, Rio, 1886.

GENERAL DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES — *O Selvagem*. Rio de Janeiro, 1876 — e *Ensaio de anthropologia* (sobre as raças selvagens do Brasil) — In *Rev. do Inst. Hist.*, tomo 36 (1873).

FLORENTINO AMEGHIDO — *La Antigüedad del hombre en Plata* — Buenos Aires.

DR. FERRAZ DE MACEDO — *Ethnogenia brasileira* — Lisboa, 1886.

DR. SYLVIO ROMERO — *Ethnographia Brasileira* (estudos criticos e scientificos, abrangendo a *Ethnologia Selvagem*) — Rio, 1888.

VISCONDE DE PORTO SEGURO — *Historia Geral do Brasil* (1.ª ed. com estampas) Rio — 1854 — 1 vol.

A. DE QUATREFAGES — *L'homme fossile en Brésil et ses descendants actuels*, na obra *Hommes fossiles et hommes sauvages*, Paris, ed. de 1883.

MARQUIS DE NADAILLAC — *L'Amérique Préhistorique* — Paris, ed de 1883.

DR. PAUL TOPINARD — *L'Anthropologie* (4.ª ed. prefaciada por Paul Broca) — Paris, ed. C. Reinwald.

MAJOR ANNIBAL MASCARENHAS — *Curso de Historia do Brasil* — Rio (Quaresma & Comp.ª) — 1898, 1.ª vol.

DR. JOÃO RIBEIRO — *Historia do Brasil* — Rio (2.ª ed.) 1900; e na *Historia Antiga*, 2.ª ed. — Rio (Alves & Comp.ª) 1894 — o cap. *O Homem Préhistorico*.

ALFREDO R. WALLACE — *O Amazonas e o Rio Negro*.

PROF. CARLOS FRED. HARTT — *Geology and physical Geography of Brasil* (1870), ed. de Boston (Fields).

SPIX UND MARTIUS (Dr. Joh. Bapt. von. Spix und Dr. Karl. Fried. Phil. von Martius).

*Reise in Brasilien* (Viagem ao Brasil) — Ed. de München, 1828. Ha uma edição ingleza de Longmans, London, 1829 — *Travels in Brazil*.

VON MARTIUS — *Zur Ethnographie Amerika's, Zumal Brasiliens* (Sobre a Ethnographia da America e principalmente do Brasil) — Leipzig, 1867.

DR. HEINRICH HANDMELMANN — *Geschichte [von Brasilien]* — Berlin (ed. Julius Springer), 1860. E' uma excellente « Historia do Brasil ».

DR. PAUL EHRENREICH — *Beitrage zur Volkerkunde Brasiliens* — Berlin, 1891 (Contribuições para o conhecimento dos Povos do Brasil).

O MESMO — *Die Einteilung und Verbreitung der Volkerstamme Brasiliens nach dem gegenwartigen Stande unserer Kenntnisse* (Divisão e distribuição das tribus do Brasil, segundo o estado actual de nossos conhecimentos) Berlin, 1891 — Vide trad. portug. do prof. João Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro).

DR. KARL VON DEN STEINEN — *Durch Centralbrasilien. Expedition zur Erforschung d. Schingü im Jahre 1881* — ed. de Leipzig; e *Unter den Naturvolkern Centralbrasilens, Reiseschilderung und Ergebnisse der II. Schingü — Expedition 1887 bis 1888*, ed. de Berlin, 1894. Esta obra foi traduzida pelo prof. J. Capistrano de Abreu: *Entre os Povos naturaes do Brasil Central, &* — Ed. brasileira, do Rio de Janeiro.

M. ET M. LOUIS AGASSIZ — *Voyage au Brésil* (trad. de l'anglais par Félix Vogeli) — 1 vol. com gravuras — Paris (ed. Hachette & Comp.\* ) 1869 — O titulo inglez da obra de Agassiz é: *A Journey in Brazil*.

CONEGO RAYMUNDO ULYSSES DE PENNAFORT — *Brasil Pre-Historico* — 1 vol. — Fortaleza (Typ. Studart) — 1900.

J. E. WAPPARUS — *Die Physische Geographie von Brasilien* (refundida e condensada na trad. brasileira de J. Capistrano de Abreu e A. do Valle Cabral, sob o titulo *A Geographia Physica do Brasil*) — 1 vol. Rio (ed. G. Leuzinger & Filhos) — 1884.

ERNESTO RENAN — *L'Avenir de la Science (Pensées de 1848)* — 6.ª ed. — Paris — 1890.

ALEXANDRE DE HUMBOLDT — *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent* — Paris (trad. do allem. por Galusky).

DR. ORVILLE DERBY — *As Investigações Geologicas do Brasil* — (In *Rev. Bras.* Rio de Janeiro, Maio 1895).

HENRY KOSTER — *Travels in Brazil from Pernambuco to Seara; also a voyage to Maranhão; etc.* — 2 vols. London (ed. de 1817). Ha uma trad. franceza da obra de H. Koster por A. Jay, Paris — 1821, com o titulo, *Voyages dans la Partie Septentrionale du Brésil (1809 a 1815)*; e uma trad. brasileira de Antonio C. de A. Pimentel (Pernambuco), sob o titulo *Viagens no Brasil & por Henry Koster*.

PROF. J. BARBOSA RODRIGUES (Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro). Vide os seus trabalhos: *La Vallée des Amazonas* (1872—75); *Idolo amazonico, achado no rio Amazonas* (1875); *Antiquidades do Amazonas* (1876—1880); *O Muirakytan, precioso coevo do homem anti-columbiano* (1882); *O Muirakytan ou aliby* (1884); *A necropole de Mirakanguera* (1887); *Les reptiles fossiles de l'Amazonie* (1889); *Os idolos symbolicos e o Muirakytan* (1891), havendo sobre este ultimo trabalho nova ed. de 1899, em 2 vols. Na *Rev. Amazonica*, na *Rev. Anthropologica*, na *Rev. do Museo Nacional*, se vêem esses e outros trabalhos do laborioso cientista brasileiro.

DR. CARLOS RATH — *Noticia ethnologica sobre um povo, que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu anterior, antes do diluvio universal*. No tomo 34, anno de 1871, da *Rev. do Inst. Hist. Bras.*

BARÃO GUILHERME L. VON ESCHWEGE — *Journal von Brasilien* (1818), *Geognostisches Gemälde von Brasilien* (1822), *Beitrage zur Gebirgskunde Brasiliens* (1832) e *Pluto Brasiliensis* (1833). — Vide as traduções das *Notas Geognosticas e Montanisticas*, de Eschwege, pelo Dr. Rod. Jacob, nos tomos II e III (1807-1898) da *Rev. do Arch. Publ. de Minas Geraes*.

JOHANN E. POHL — *Reise im Innern von Brasilien* — Wien, 1832.

HENRY WALTER BATES — *Naturalist on the River Amazons*. London (ed. de Murray), 1863.

GEORGE GARDNER (Superintendent of the Royal Botanical Gardens of Ceylon, India) *Travels in the Interior of Brasil* — 1846.

HENRI COUDREAU — *Voyage au Tapujoz* (com vinhetas e estampas) — Paris (Lahure), 1897.

DR. HERMANN VON IHERING (Director do Museo do Ipyranga) — *O Pithecanthropus* (artigo in-*Rev. Brasileira*, tomo IX, 1897, Rio de Janeiro).

DR. ALFREDO DE CARVALHO — *O Zoobiblion de Zacharias Wagner* (estudo in *Rev. do Instituto Archeol.* (do Recife) — Vol. XI, n. 60, 1903).

AUGUSTE DE SAINTE-HILAIRE — *Voyages dans les Provinces de Rio-Janeiro et de Minas Geraes* — Paris (Grimbert & Dorez), 1830.

DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA — *Viagem ao redor do Brasil* (1875—1878) — 2 vols. ed. de 1880—82, Rio de Janeiro (com estampas e cartas).

DR. E. GOELDI — *Os Mammiferos do Brasil* (1.ª vol. das monographias brasileiras) — ed. de Alves & Comp.\* — Rio de Janeiro — 1897.

CARLOS VON KOSERITZ — *Subsidios ethnologicos* — Porto Alegre, 1885. Na *Revista do Archivo Publico* (Minas Geraes) — Vide os seguintes estudos nos tomos V, VI, VII e VIII (de 1900 a 1903):

DR. M. BASILIO FURTADO — *Contribuição para o estudo da Zoologia no Brasil*; e

PROF. LEONIDAS BOTELHO DAMASIO — *Traduções dos trabalhos do Dr. P. G. Lund*.



DR. JOHN C. BRANNER—*Inscrições em rochedos do Brasil* (in *Rev. do Inst. Archeol. e Geogr. Pernambucano*, 1903).

FRANZ KELLER LEUZINGER—*Os Rios Amazonas e Madeira*.

CAPTAIN RICHARD F. BURTON—*The Highlands of the Brasil*—2 vols. (com estampas)—London, 1869—editores: Tinsley Brothers.

GASPARI BARLAEI (Gaspar Barlaeus ou Gaspar van Baerle)—*Rerum per octennium in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Maurittii, Nassovici comitis, historia*. El. de Amsterdam (*Amstelodami*, 1647), com estampas.

J. BARBOSA RODRIGUES—*A Pacificação dos Crichandás*—1 vol. Rio, 1886.

DR. HENRI GORCEIX—*Memoria sobre o Dr. Lund, e suas obras no Brasil* (in *Annaes da Esc. de Minas*, n. 3, de 1881).

ROBERTO SOUTHEY—*Historia do Brasil*—ed. brasileira de 1862—Rio de Janeiro—6 vols., trad. do Dr. Luiz J. de Oliv. e Castro.

DR. FRANKLIN MASSENA—*Geologia de Minas Geraes* (in *Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras.*, tomo XLVII, de 1884).

PAUL ALLARD—*L'Archéologie* (in 2.º vol. da obra *Un Siècle, de 1800—1900*—Paris, Goupil et. C.ª, 3 vols.).

JULES TROUSSET—*Nouveau Dictionnaire Encyclopédique*. Paris.

P. MANOEL AYRES DE CASAL—*Corografia Brasileira*—Rio de Janeiro, ed. de 1817.

DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA—*Algumas Notas Genealogicas*—S. Paulo, 1886.

JOSE VERISSIMO—*D. S. Ferreira Penna* (estudo biograph. in n.º 1 do *Boletim do Museu Paraense*, 1895).

Nos *Archivos do Museu Nacional* (do Rio de Janeiro)—Vide os seguintes estudos e memorias:

No vol. I (1876)—Carlos Wiener, *Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil*;

CARLOS HARTT, *Tangas de barro cozido dos antigos Indigenas da ilha de Marajó; e Descrição dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional*;

DRS. LACERDA FILHO E RODRIGUES PEIXOTO, *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas no Brasil*, havendo, no fasciculo do 4.º trimestre de 1876, novo estudo do Dr. Lacerda: e

D. S. FERREIRA PENNA, *Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará*.

No vol. II (1877)—D. S. Ferreira Penna, *Apontamentos sobre os cerâmicos do Pará, com um Appendix: Urnas de Maracá*;

ORVILLE A. DERBY, *Contribuições para a Geologia da região do Baixo Amazonas*; e

DR. LADISLÃO NETTO, *Apontamentos sobre os Tembex da coleção archeologica do Museu Nacional* (esclarecendo esses adornos lúbiaes de pedra, usados pelos Indios do Brasil).

No vol. III (1878), Diversos estudos sobre a Geologia do Brasil pelos srs. Leandro Dupré, Luiz Ad. C. da Costa, Orville Derby e Richard Rathbun.

No vol. IV (1879), DR. LACERDA, *Craneos de Maracá* (contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas da Guayana Brasileira).

No vol. VI (1885), PROF. CARLOS HARTT—*Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas*;

DR. ILADISLÃO NETTO—*Investigações sobre a Archeologia brasileira*;

DR. JOÃO BAPT. DE LACERDA—*O Homem dos Sambaquis: Contribuição para a anthropologia do Brasil*;

D. S. FERREIRA PENNA—*Os Indios de Marajó*; e

DR. J. RODRIGUES PEIXOTO—*Novos estudos craniometricos sobre os Botocudos*.

No vol. VII (1887), DR. CHARLES A. WHITE, *Contribuições à Paleontologia do Brasil* (texto em inglez e portuguez).

No vol. X (1897—1899), JOHN M. CLARKE, *A fauna siluriana superior do rio Trombetas e Molluscos devonianos do Estado do Pará* (esclarecendo a era dos fósseis); e

D. MARIA DO CARMO DE MELLO REGO, *Arte factos Indigenas de Matto Grosso*.

No vol. XI (1901), CARLOS MOREIRA, assistente do Museo, publicou as *Contribuições para o conhecimento da Fauna Brasileira*.

Dentre os autores estrangeiros por nós citados, (principalmente por edições francezas, as mais divulgadas no Brasil) e que mais alargaram o conhecimento da Sciencia da Terra e suas connexas, resumiremos aqui os nomes e trabalhos, a partir dos mais antigos para os contemporaneos, dos precursors aos continuadores:

BARÃO ALEXANDRE DE HUMBOLDT, no *Cosmos* (1799—1804) nas *Viagens ás Regiões Equinoxiaes do Novo Continente* e nos *Ansichten der Natur* (Aspectos da Natureza), de que Galusky fez uma excellente ed. franceza—*Tableaux de la Nature*. Latino Coelho, no elogio academico de Humboldt, cita a melhor obra sobre a vida, viagens e trabalhos scientificos do sabio do *Cosmos*, a obra de Karl Bruhns: *Alexander von Humboldt eide wissenschaftliche Biographie*—3 vols., ed. de 1872—Leipzig. Em todas essas obras se vê o genio precursor de Humboldt.

KARL RITTER, no *Erdkunde* (1817—1818)—*De la géographie dans son rapport avec la nature et l'histoire de l'homme*. (Obra notabilissima).

HORACE H. DE SAUSSURE, des *Lettres physiques et morales sur les montagnes*.

LAMANON—*Journal de Physique*—(1780).

JEAN ET. GUETTARD (1715 a 1789)—*Varias Memórias na Academia das Sciencias de Paris.*

COMTE DE BUFFON—*Histoire Naturelle de l'Homme* (1749).

BARON GEORGES CUVIER—*Discours sur les Révolutions du globe.*

CHARLES LYELL—*Elements de Géologie e Ancienneté de l'homme prouvé par la géologie* (traduções francezas—Trad. de Chaper, 1854, Paris).

JOHN EVANS—*Les ages de la pierre de la Grande-Bretagne.*

BOUCHER DE PERTHES—*Antiquités celtiques et antediluviennes.*

JOHN LUBBOCK—*L'homme préhistorique.*

A. DE QUATREFAGES—*L'Espèce humaine* (1877).

BOISSIER—*Promenades archéologiques.*

GABRIEL DE MORTILLET—*Le Préhistorique, antiquité de l'Homme* (1882).

JACOLLIOT—*La genèse de la terre et de l'homme.*

LOUIS FIGUIER—*La vie avant le déluge.*

CAVERNI—*Dell'antichità dell'uomo, secondo la scienza moderna* (1879).

ALFRED RUSSELL WALLACE—*The geographical distribution of animals, with a study of the relations of living and extinct faunas, as elucidating the past changes of the earth's surface*—London, 1876.

MARCEL DE SERRES—*La géologie préhistorique.*

BARON J. DE BRAYE—*L'archéologie préhistorique*—Paris, 1880.

J. D'ESTIENNE (A. Ardouin)—*Comment s'est formé l'Univers*—Paris, 1880.

LEHON—*L'homme fossile.*

ABEL HOVELACQUE—*Notre ancêtre: recherches sur le précurseur de l'homme* (1878).

DE BONNSTETTEN—*Recueil d'antiquités suisses.*

PAUL BROCA—*Les troglodytes de la Vézère e—Recherches sur l'Éthnologie* (1880).

N. JOLY—*L'Homme avant les métaux.*

MARQUIS DE NADAILLAC—*Les Premiers Hommes et les temps préhistoriques*—Paris, 1880.

P.<sup>e</sup> MONSABRE—*La genèse du Monde (Conférences, XIII), Paris, 1875.*

PAUL TOPINARD—*Éléments d'anthropologie générale*—Paris, 1885.

CHARLES DARWIN (1809—1882)—*De l'Origine des Espèces au moyen de la sélection naturelle* (trad. de Moulinié), ed. C. Reinwald & C. Paris, 1872.

CARL VOGT—*Leçons sur l'homme sa place dans la Création et dans l'histoire de la Terre*—ed. C. Reinwald, Paris.

PAUL BROCA—*Memoires d'Anthropologie, 3 Tomos, ed. de 1871, Paris.*

A. R. WALLACE—*La Selection Naturelle (Essais)*—trad. de Lucien de Candolle, Paris, ed. Reinwald, 1872.

## A Edade da Pedra no Brasil

§ I

### Importancia do assumpto

O estudo desta these é superior à média geral dos conhecimentos scientificos, nas gerações letradas do nosso paiz.

Repetir noções bebidas nos compendios classicos, que nos vêm do estrangeiro, nada adianta à solução do caso.

Citar as brilhantes investigações geologicas de um Charles Lyell, de um Prestwich, de um John Evans, de um Flower, de um Albert de Lapparent, de um Paul Broca, hoje repetidas entre outros por um Jacolliot, um Paul Gervais, um Louis Figuier...; sobre a formação e a gênese da Terra e as suas relações com o apparecimento do homem, neste planeta, seria ocioso e banal, uma vez vulgarizados como se acham taes estudos, ao alcance de todas as bolsas, em edições populares, e de todas as intelligencias applicadas, em livros a cada passo citados.

O que conviria seriam estudos originaes, de procedencia e assumpto brasileiros, sobre o vasto e curioso assumpto da EDADA DA PEDRA em nosso paiz, no desdobramento dos dous periodos: PALEOLITHICO E NEOLITHICO, em relação ao estado de cultura e industria das primitivas populações, autochtonicas ou transmigradas, em remotos periodos prehistoricos, para esta banda do Continente americano.

O Brasil — *Eden do naturalista*, na frase tão conhecida de Achille Richard — offerece vasto campo aos scientificos.

Demais, a importancia de tal ordem de estudos é indiscutivel.

Já o erudito Cesar Cantú, em sua ultima obra, teve disto clara intuição:— « A paleontologia, a archeologia prehistorica, a nova theoria geogonica, impõem ao historiador de hoje o dever de lançar o olhar para além dos limites do tempo e das tradições, para ir estudar a arvore genealogica da natureza. »

C. Cantú — *Os ultimos 30 annos (1848-1878)* pag. 320-21, da trad. portug. do Visconde de Castilho, Lisboa, 1880

### Os creadores da prehistoria

No momento presente, o estudo do homem não pôde mais ser feito isoladamente do estudo da Terra: andam em parallelismo scientifico a doutrina moderna da formação do Globo e a da successiva evolução da especie humana.



Ao *prolem sine matre creatam*, de Ovidio Naão (e que foi a divisa de Montesquieu, no *Espírito das leis*), juntou-se a fórmula celebre do sabio escossez (Guilherme Hutton (1797), quando sobre as transformações cyclicas do globo escreveu:

« NO TRACE OF A BEGINNING, NO PROSPECT OF AN END ».

Correm mundo agora verdades axiomaticas, como esta de Salomon Reinach: « A humanidade é mais antiga que a historia, e a lenda não tem chronologia ».

A luz scientifica destruiu a fabulosa *Natura mendax*...

E agora tudo se desvenda tanto no mundo physico, como nos primeiros dias millenarios da vida do homem primitivo.

Os precursores desbravaram as urzes do caminho: na archeologia prehistorica, um Mahudel (1734), membro da Academia das Inscrições de Paris, um Boucher de Perthes (1841), um Keller (1853), um Thomsen e um Watsaas, um Lartet (1850), um Caverni (1879), um De Braye (1880); e assim tambem na epigraphia moderna, nomes como o do seu fundador, o illustre italiano Borghesi (de Savignano, 1781-1860) e Gräter, um flamengo, Mazzocchi, um napolitano, Fabretti e Marini, estes patricios e continuadores de Borghesi.

Paul Allard, em um excellente estudo, *L'Archéologie* (pag. 276 do 2.º vol. da notavel obra franceza, *Un siècle, mouvement du monde de 1800 a 1900* — Paris, Goupil & Comp.), fez justiça á seriedade dos estudos desses sabios.

Diz elle: « Em contraste com as fantasias de Gabriel de Mortillet, a archeologia prehistorica lembrará com honra os sobrios e solidos trabalhos de Nadaillac, Bertrand, De Braye, D'Acy, Arcelin, Hamard, Fergusson e de muitos outros verdadeiros sabios, inimigos das generalisações prematuras e que teriam todos podido inscrever á testa de suas obras a epigraphie adoptada por um dellos: *Res, non verba* ».

Alargando ainda as citações, vemos em Jules Trousset (*Nouveau Dictionnaire Encyclopédique*, vol. 1.º, pag. 245) o seguinte resumo de nomes aureolados na sciencia, de que ora nos occupamos nesta *Memoria*:

« Os auctores que se têm occupado de archeologia prehistorica: Christy, Lartet, Boucher de Perthes, de Mortillet e Quatrefages, na França; Schaffhausen, Virchow e Lindenschmit, na Allemanha; Thomsen, Engelhardt, Steenstrup e Nilsson, na Dinamarca; Troyon-Keller, Morlot, Vogt e Desor, na Suissa; Gastaldi, Canestrini e Foresi, na Italia; Schoolcraft, Squier, Foster, Davis, Whittlesey e Wyman, nos Estados Unidos; Crawford, John Evans, Prestwich, Boyd Dawkins, na Ingla-

terra, e principalmente Lyell em sua obra *Antiquity of Man*, e Lubbock em seus *Prehistoric Times* ».

E toda essa pleiade brilhante de cientistas de todos os credos e matizes, é frequentemente citada no Brasil, muitas vezes com ignorancia do assumpto por parte de quem os invoca.

Eles e muitos outros (Lamarck, Buffon, Darwin, Haeckel, Fouillé, Wallace, Huxley, Hartmann, Lehon, Capellini, Buchner, Max e Otfried Müller, Spencer, Joly...) são por ahí a todo momento lembrados, como guias de auctores esterets, que se dilatam nos assumptos mais complicados da paleoethnologia e da ethnographia comparada, da geologia e da paleontologia, da linguistica e da sociologia, sem que, entretanto, desçam á minima particularidade de um facto, de um nome, de um accidente sequer do que é do Brasil.

Os exemplos são innumeros, o caso é de todos os dias, e nisso não convém insistir. E' balda velha dos nossos escriptores.

Quanto a nós, de antemão garantimos, não vivemos devorados por esse morbido desejo de copiar: por conseguinte, sem as allicções de uma aura de notoriedade scientifica, que não podemos jamais pretender — vamos abordar — como nos permittio um serio e paciente exame da materia — o estudo da these brasileira, proposta no 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano pela illustrada Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas.

## § II

### Os trabalhos, as pesquisas e memorias do naturalista dr. Lund no Brasil

A partir de Lund e uma vez despertado entre nós o gosto pelos estudos da prehistoria americana, os achados e descobertas fósseis se multiplicaram, desde a segunda metade do seculo findo.

A divulgação dos trabalhos de tantos cientistas eminentes, europeos e norte-americanos, cujos nomes já citámos, se accentuou nas gerações dos ultimes trinta annos, no seio das nossas Escolas superiores, Institutos scientificos e centros de maior cultura do paiz (Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Ouro Preto e S. Paulo).

Já não era um mytho, no Brasil, a antiguidade do homem prehistorico, de que se recolhiam vestigios e rudes instrumentos da sua industria primitiva, armas e utensilios de pedra, ossadas do seu esqueleto e dos animaes delle contemporaneos.

De direito, cabe-nos aqui dizer que a paleontologia brasileira é creação incontestavel do dr. Peter Wilhelm Lund, o sabio dinamarquez que viveo, como um cenobita, em um quieto arraial mineiro, a Lagõa Santa (a 8 leguas da actual capital de Minas, Bello Horizonte), de 1834 a 1880, e alli falleceo a 5 de maio deste ultimo anno.



Nascido em Copenhague (Kjobenhavn), a 14 de junho de 1801, bacharel em sciencias e letras (1818), doutor em philosophia (1827), vindo pela primeira vez ao Brasil, tres annos depois da Independencia, aqui esteve de dezembro de 1825 a fevereiro de 1826, retornando segunda vez, em janeiro de 1833, e definitivamente, pois desde então nunca mais sahio do nosso paiz.

Os despojos dessa obscura era prehistorica brasileira, os *fosséis* da época *quaternaria* no planalto mineiro, os thesouros da ignota paleontologia nacional, foram arrancados por Lund no recinto das 250 cavernas, grutas e lapas por elle pacientemente visitadas, exploradas e descobertas, na zona de terrenos calcareos da bacia do Rio das Velhas. Zaborowski e Z. Moindron, citados pelo sr. dr. Sylvio Roméro, elevaram, exaggeradamente, a *oitocentas* o numero das cavernas exploradas por Lund.

Na Lagoa Santa, as grutas dos arredores do arraial; e mais outras diversas grutas e cavernas, nos municipios mineiros, convisinhos, de Santa Luisa, Sete Lagoas e Curvello — como sejam as grutas do Sumidouro e Fidalgo, da Cerca Grande, do Mosquito, do Sacco-Comprido e, entre todas, a vasta, famosa e labyrinthica Lapa do Maquiné, a 6 kilometros da actual estação ferrea de Cordisburgo (Vista Alegre); attestam quanto nellas sondou, pesquisou, arrecadou, o genio investigador do eminente naturalista da Jutlandia, que, pelo coração e pelo fecundo labor scientifico, foi mais um sabio do Brasil do que da Dinamarca.

O que ainda sabemos de melhor sobre os *fosséis* do Brasil, na região central mineira, e sobre o *homem das cavernas* ou o nosso «homem prehistorico», devemos ás sabias investigações de Peter Lund, communicadas, originalmente, em idioma dinamarquez, ás revistas e sociedades scientificas da Escandinavia e da Dinamarca, sua patria (vide a obra *Antiquitates Americanae*, editada em Copenhague), e d'ahí divulgadas pelos centros cultos da Europa e da America, medeante versões em allemão, francez e inglez.

O sr. dr. Sylvio Roméro, cultissimo espirito, que, do II ao VI capitulos da sua *Hist. da Literat. Bras.*, tomo I.º, Rio, 1888 — ventitou com abundante saber a questão da raça, do meio, e do typo brasileiro, diz que (pag. 20) foi o dr. Lund «o homem que melhor conheceu a prehistoria do Brasil». Das theorias do sabio dinamarquez — exaradas nas celebres *cartas* publicadas na *Rev. do Inst. Histor.* (vols. 7.º e 11.º, principalmente a do tomo de outubro de 1844) — dá o professor sergypano um breve resumo; e baseado na auctoridade de Peter Lund, acredita na grande antiguidade da raça autochtonica americana, accetando por conseguinte «a *origem polygenista* do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca», mas que (dizemos nós) é fortemente combatida pelos «grandes nomes» de Linneo, Buffon, Cuvier, Lamarck, Humboldt, Geoffroy-Saint-Hilario, De

Quatrefages» — partidarios extrennos da *unidade da especie humana*, composta de varias raças (J. de Crozals, *Hist. de la Civilisation*, vol. I, pag. 23). E um outro professor sergypano, o sr. dr. João Ribeiro, em posição opposta á assumida pelo seu sabio conterraneo, escreve que o «*monogenismo* é a doutrina que reúne a seu favor até hoje o maior numero de testemunhos da observação». (No cap. *As raças humanas*, pag. 47, da *Hist. Antiga* op. cit).

Fechada a digressão, voltemos ao «Solitario da Lagoa Santa».

Liga-nos ao nome de Lund uma enorme sympathia, de modo que se justifica o demorarmos sobre elle, rememorando — neste selecto Congresso de sabios de toda a America Latina, agora reunidos no Rio de Janeiro — os inestimaveis serviços prestados pelo saudoso europeu do norte ao grupo das sciencias prehistoricas no Brasil.

Ao visitarmos (julho 1904) a imponente Lapa do Maquiné — de que demos longa descripção em um diario bello-horizontino (*A Folha Pequena*) — evocámos sob as abobadas deslumbrantes daquelle palacio de fadas, as pesquisas do dr. Lund, no interior das galerias subterraneas da extensa caverna, de onde elle extrahio curiosos *specimens* da nossa fauna primitiva.

Antes de nós, já o illustre professor da Escola de Minas de Ouro Preto, sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, tinha-se occupado da Lapa do Maquiné e da estada do dr. Lund, nessa caverna.

Ao tempo em que Peter Lund enviava do Brasil para o seu paiz de nascimento o resultado das suas pesquisas, nas grutas ossíferas do planalto Mineiro, lá — na Dinamarca — se creava, sob a direcção de Thomsen, o MUSEO ETHNOGRAPHICO de Copenhague, e os estudos prehistoricos caminhavam illuminados pelo saber de Nilsson (professor da Universidade de Lund, cidade dinamarqueza) e dos professores Forchammer, Worsaae e Steenstrup, que foram por muitissimos annos os directores dos afamados museos da capital Jutlandica.

No pequeno reino do Norte, a eficaz protecção do Parlamento e a bondade do velho soberano Christiano IX não deixava perecer a obra desses eminentes sabios; e allí eram cotadas como de subida valia as contribuições scientificas do dr. Lund.

Dois professores da nossa Escola de Minas, os srs. drs. Henri Gorecix (valiosa *Memoria* sobre Lund, no n. 3 dos *Annaes* da dita Escola, 1884) e Leonidas Botelho Damasio (este em varias versões de francez para portuguez, de algumas das principaes *Memorias* do sabio Dinamarquez), iniciaram a divulgação, entre nós, dos estudos do dr. Lund.

As traducções do professor Leonidas constam da *Revista do Archivo Publico Mineiro* (tomo V, pag. 3 a 90; tomo VI, pag. 27 a 88; tomo VII, pag. 767 a 809; tomo VIII, pag. 853 a 877).



Pertencem as 4 *Memorias* traduzidas e já publicadas, ao importantissimo trabalho de Lund: «ESTUDO SUMMARIO DO REINO ANIMAL NO BRASIL ANTES DA ULTIMA REVOLUÇÃO DO GLOBO — reputado «o escripto capital do sabio Lund», no juizo do traductor.

Deve-se ao magnanimo sr. D. Pedro II a trasladação dessas *Memorias* do original dinamarquez para a lingua franceza, tendo aquelle soberano offerecido a versão em francez ao sr. professor H. Gorceix, para que as referidas *Memorias* fossem publicadas nos *Annaes* da Escola de Minas, depois de convenientemente passa das ao vernaculo; e, de facto, sahiram duas dellas nos fasciculos 3.º e 4.º (1884 e 85) dos *Annaes*, em Ouro Preto.

Interrompidas durante annos a traducção portugueza e a respectiva publicação, o sr. professor Leonidas as continuou, muito recentemente, como já vimos, na *Rev. do Archivo Mineiro*.

A 1.ª memoria (*Introdução*), o dr. P. Lund datou-a de 14 de fevereiro de 1837; a 2.ª (*Mammiferos*), de 16 de novembro ainda de 37; a 3.ª (ainda *Mammiferos*), de 12 de setembro de 1838; e um *Supplemento* à 2.ª e à 3.ª *Memorias*, em 7 de abril de 1839.

Vem depois um *Appendice* ás observações sobre os *animas fósseis do Brasil*, em 27 de março de 1840; a 4.ª Memoria, (continuação dos *Mammiferos extinctos do Valle do Rio das Velhas*), em 30 de janeiro de 1841, seguida de *Notas, Lista de Fósseis* e um novo *Appendice*.

Todas estas *Memorias*, já o dissemos, o dr. Lund as remetia, em original, à *Academia de Sciencias* e à *Sociedade dos Antiquarios do Norte*, ambas em Copenhague.

Quem quizer ver outros trabalhos de Lund, como por exemplo: *Cavernas existentes no calcareo do centro do Brasil, algumas das quaes encerram ossadas fósseis*, terá de perder tempo a catar revistas, nas collecções de bibliothecas.

Nos tomos 4.º (1842) e 6.º (1844) da *Rev. do Instituto Historico, do Rio de Janeiro*, ha, por exemplo, as duas interessantes e já citadas cartas de Lund, referindo as suas descobertas de ossadas fósseis, nas grutas da Lagoa Santa e Sumidouro.

Pena é que se não tenha ainda reunido, em edição definitiva, o formidavel trabalho do debil «Solitario da Lagoa Santa» — homenagem posthuma a que elle fez jus. por tardia que venha ainda a se realisar.

### § III

#### A Prehistoria no Brasil

A paleoethnologia brasileira — na sua verdadeira significação de estudo da raça primitiva, que habitou o nosso paiz nos tempos prehistoricos — ainda não se constituiu, definitivamente. O complicado estudo das edades ou periodos prehistoricos ainda mais se agrava pela

muito incerta determinação dos tipos anthropologicos primitivos; ou, mais propriamente, pela carencia de uma regular classificação paleoethnologica do «homem das cavernas».

Quantos problemas postos em equação pelos sabios!

¿ O homem só appareceu no periodo *quaternario*, ou já tinha surgido na época *terciaria*?

¿ Como fixar a nebulosa chronologia desses recuadissimos tempos, coevos do homem fossil (*homo primigenius, homo diluvii testis*, segundo o flamengo Scheuchzer, *preadamita*, segundo Darwin e outros)?

¿ Qual o verdadeiro criterio scientifico para a demarcação de cada era ou idade prehistorica?

A vida e o regimen do *troglydyta*, do *anthropolitha*, (o homem fossil); a fixação do typo humano primitivo — si o *Homem-Primate*, de Linneo (no seu *systema naturae*); si o *Anthropopithecus*, de Gabriel de Mortillet, ou o *Homem-macaco*, ou *Pithecoide*, de Ernesto Haeckel; si o *Gibbon*, (macaco anthropoide oceanico, da ordem dos catarrhynianos, ou sem cauda), do allemão W. Dames; si o *Pithecanthropus erectus*, determinado em Java pelo paleontologista hollandez Eugenio Dubois: que de incertezas a desafiarem o esforço dos competentes?!

E nem só isto. Outras magnas questões, como a theoria da *geração espontanea*, de Pouchet de Rouen (1800-1872); a do *ovo cosmico*, aventada por Durand: os debates sobre a nomenclatura anthropologica de Blumenbach, baseada na craneologia: a lucta viva entre o *monogenismo* e o *polygenismo*; e quanto a nós, neste continente, a lucta entre o *autochtonismo* e a procedencia *asiatica* do «homem americano»: são outras tantas incognitas, que chamam à discussão ethnologos e anthropologistas. Resta que os sabios nunca tentem explicar estas *incognitas* por outras *incognitas*, como ironicamente já observava Cesar Cantù, na Italia.

Quando o illustre barão Georges Cuvier (de Montbéliard, 1769-1832) e seu irmão Frederico Cuvier, ambos naturalistas eminentes da França, escrevendo as *Suites à Buffon*, classificavam o homem sob o ponto de vista zoologico, como um *animal bimana*, da «1.ª familia da Ordem dos *mammies fissipedes*», longe estavam de suppôr a que disparatadas audacias não chegariam outros sabios, no correr do seculo XIX, para acertarem em mil e uma differentes classificações d'esse ser racional, tido como centro do Universo e «rei da criação» e que, entretanto, não passa de um átomo no espaço, de um instante ephemero na duração do Còsmos.

E no Brasil o problema do «homem primitivo» quasi que só offerece aréas inabordaveis por todos as suas faces.

Não que nos faltem os bons elementos de estudo, pois, em uma citação do dr. Paul Ehrenreich, vemos que Bastian já dizia que na Ethnographia hiados povos naturaes da America não existe o «hiato en-



tre a prehistoria e a historia, coberto por theorias no Velho Mundo, e, entretanto, preenchido realisticamente em nosso continente, pelo facto de continuarem aqui vivazes aquelles troncos naturaes, de que brotaram as raizes cuja flor são os povos historicos». Faltam-nos, todavia, os estímulos do ambiente social em que vivemos: o Brasil é mais um meio politico do que scientifico.

## § IV

## As subdivisões da idade da pedra no Brasil

Em todo o caso, parece assentado que o nosso *homem fossil* viveo no periodo *archeolithico*, com as transições naturaes e concebiveis de uma lenta evolução da *pedra lascada* para a *pedra polida*.

A subdivisão já consagrada da idade da pedra em periodos: *LITHICO* (origem da pedra), *PALEOLITHICO* (pedra antiga), *MESOLITHICO* (periodo intermediario entre o *paleolithico* e o *neolithico*) e *NEOLITHICO* (nova pedra, coincidente com a *pedra polida*, como o *paleolithico* se ajusta ao periodo da *pedra lascada*); não deve ser recebida sem umas tantas restricções, que o estudo sociologico das raças inferiores (africanas, oceanicas e precolombianas americanas) justifica ainda hoje.

Assim, por exemplo, o *homem das cavernas* do Sumidouro, cujo esqueleto foi encontrado por Lund, perto da quinta do Fidalgo (município de Santa Lúcia do Rio das Velhas), parece ser contemporaneo do *periodico paleolithico*; e já o *homem dos Sambaquis*, hoje representado pelo *Bugre* das mattas do Paraná, e estudado, craniometricamente, pelo sr. Dr. Rodrigues Peixoto, parece pertencer ao periodo *mesolithico*, isto é, a um periodo de evolução ou de transição. O sr. Dr. Sylvio Romero, op. cit., pag. 79, supõe que «estavam os indigenas do Brasil no periodo da *pedra polida*, idade que se segue à da *pedra lascada* e é seguida pela dos *metaes*». D'esse parecer é o professor Mattoso Maia (*Licções de Hist. do Bras.* pag. 44, ed. de 1895), aceitando «a versão corrente de que o selvagem do Brasil estava no periodo da civilização chamada da *Pedra Polida*», no tempo da descoberta do paiz pelos portuguezes, ha 405 annos.

São esses os dous typos constatados, scientificamente, do nosso *homo primigenius*, ou do *homo americanus*, no Brasil, ambos do periodo *quaternario* e ambos contemporaneos de *megatherio* — o grande mamífero sul-americano com esse nome classificado por Georges Cuvier, à vista do esqueleto d'esse animal monstruoso da fauna primitiva dos *pampas* argentinos, descoberto, em 1789, perto de Buenos Ayres.

Florentino Ameghino, na sua *Antigüedad del hombre en el Plata*, elucida bem a historia do *megatherium* sul-americano, que corres-

ponde, no seu tamanho gigantesco, ao *mammouth* do Velho Mundo. O celebre naturalista Carlos Darwin já havia explorado, em 1835-36, os desertos da Patagonia e o Pampa Argentino, na descoberta de fósseis; e Francisco Moreno (o sabio director do Museo Anthropologico e Archeologico de Buenos Ayres) renovou, de 1876 a 1880, as explorações anteriores de Darwin e de Ameghino, já admiravelmente orientadas pelo grande Burmeister (de 1868 a 1892) e pelo Dr. Carlos Berg, antecessor do Dr. Ameghino, na direcção do Museo platino. Na *Origem das especies*, o sabio naturalista inglez allude aos seus trabalhos, na America do Sul.

Vide: *On the origin of species by means of natural selection* (London, 1859). A escriptora franceza Clémence Royer traduzio a obra famosa de Darwin, em Paris (1866), antes da trad. de Mutinié, que foi por nós cit. na *Bibliographia*.

## § V

## Duvidas sobre o homem fossil no Brasil

Entretanto, deante das sabias conclusões do Dr. Lund sobre o «*troglydyta da Lagôa Santa*» (como ficou conhecido o *homem das cavernas* do Sumidouro), ainda ficaram pairando duvidas; pois é certo que o estudo do «*homem fossil do Brasil*» ainda não chegou a formular afirmações positivas, como insinuam alguns escriptores brasileiros. E a este respeito remettemos o leitor à obrinha do sr. Dr. João Ribeiro, *Historia Antiga*, Rio, 2.<sup>a</sup> edição in 8.<sup>o</sup>, onde no fim do capitulo *O homem prehistorico*, pag. 36, encontrará sérias objecções ao assumpto.

Outros ainda querem crer que o typo do *homem prehistorico* de Lund seja o grande simio por elle classificado no genero *Protopithecus brasiliensis*, muito parecido com o *homem* e contemporaneo de outros generos de mamíferos completamente extinctos, e que habitavam o planalto central mineiro (valle do Rio das Velhas), antes da ultima revolução do Globo. Ao *Protopithecus*, Lund attribuia uma altura média de 1.<sup>m</sup> 30.

D'este modo, o *Protopithecus brasiliensis* seria coevo do *Euryodonte*, do *Heterodonte*, do *Chlamydotherium*, do *Hoplophorus*, do *Pachytherium*, do *Megalonix*, do *Coelodon*, do *Leptotherium*, e do *Mastodonte*: os representantes mais vultuosos da nossa fauna prehistorica, no periodo quaternario.

E razões não faltam para taes duvidas, como em verdade reconhecemos.



Cada dia, novas descobertas — no terreno da archeologia prehistorica — augmentam o cabedal de estudos e augmentam tambem as incertezas da Prehistoria.

Quantos desmentidos já não têm soffrido os archeologos e os paleontologistas?

Por demais grande é o inventario das faunas e floras antigas do globo, nol-o diz Albert de Lapparent.

Trata-se, além de tudo, de sciencias novas, em plena evolução e de nenhum modo constituidas. E no Brasil, quando muito de taes estudos se occupam uns dez cientistas, em sua maioria naturalistas estrangeiros (Goeld, Ihering, Teschauer ...) e dahi as dificuldades que se avolumam, deante da nossa geral e já classica indiferença por essa ordem de estudos.

#### § VI

### Monumentos e vestigios prehistoricos no Brasil

De diferentes pontos do Brasil procedem os nossos escassos e mal estudados monumentos prehistoricos.

Peter Wilhelm Lund — a quem o sr. Dr. Emilio Augusto Goeldi, o notavel Director do Museo Paraense (de Belém), deo o justo titulo de *Pae da paleontologia brasileira* — remetteo para a Dinamarca, como já vimos, as melhores colleções dos fósseis por elle obtidos em Minas Geraes, em varias cavernas e lapas.

O Museo de Antiquidades Americanas, de Copenhague (que tem mais de 30 mil objectos prehistoricos) guarda intessantes e valiosos fósseis idos do Brasil, e os conserva com carinho na *Secção Lund*.

Foi fundado, como se sabe, pela Real Sociedade dos Antiquarios do Norte.

O nosso Museo Nacional de São Christovam, na antiga Quinta Imperial (Rio de Janeiro), tem importantes colleções devidas á dedicada e intelligente contribuição dos professores Ladislão Netto, Baptista de Lacerda, hoje seu carinhoso Director, Carlos Hartt, Rodrigues Peixoto, Orville Derby, Barbosa Rodrigues e de varios viajantes e correspondentes do Musto, como os srs. Carlos Rath, Ferreira Penna, Basilio Furtado, A. de Miranda Ribeiro, senador Manoel Barata, Charles White, etc.

Deveriamos, entretanto, possuir na Capital Brasileira um *Museo Prehistorico* especial, modelado pelo typo do seu congénere francez, existente em *Saint-Germain-en-Laye*, perto de Paris, e do qual lemos uma interessante descripção dada por Salomon Reinach, em uma publicação franceza.

As pesquisas paleontologicas, no Brasil, foram — chronologicamente — anteriores a Lund, como elle proprio reconhecco, apontando, no fim da 2.ª memoria sobre os Mammiferos (datada de 16 de novembro de 1837), o contingente fornecido ao assumpto por diversos naturalistas.

Lund deo corpo, vida e alcance scientifico a essas pesquisas; mas, a verdade é que a tradição dos animaes gigantescos (genero *Mastodonte*) é muito antiga em nosso paiz.

O P.º Manoel Ayres do Casal (*Corographia Brasitica*, tomo I, pag. 78) fala de ossos gigantescos encontrados perto do Rio de Contas, no actual Estado da Bahia; os Drs. Joh. Bapt. Von Spix e Carlos Fr. Phil. Von Martius não só indicaram, posteriormente, que esses restos fósseis procediam de um ser animal, certamente do *Mastodonte*, como ainda referiram a existencia de outros restos fósseis do genero *Megalonix*, nas cavernas do Rio São Francisco (em Minas), por onde andaram (1817-1820) esses dous celebres viajantes e naturalistas. Vide *Reise in Brasilien*, München, 1823-31, por Spix e Martius.

A creença popular, arraigada na massa ignorante, era de que taes ossadas, de tão anormaes proporções, pertenciam a homens-gigantes; hoje, porém, essa lenda já foi banida pela Sciencia, tanto no Brasil, como nos outros paizes (mesmo europeos), onde ella tinha ingresso nas camadas do vulgo ingenuo.

Auguste de Saint-Hilaire (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* — Paris Grimbert et Dorez 1830, tom. 2.º pag. 314) cita por sua vez um grande *dente molar* achado no sertão do rio São Francisco e ainda precedente do genero *Mastodonte*, diz o Dr. Lund.

O sr. Dr. Rodrigues Peixoto descobrio, nos monticulos de ostri-ras, conchas e restos de cosinha (os nossos *kjok'enmædings*, segundo o nome dado na Europa do Norte a esses monticulos ou cômoros formados pela dupla collaboração da Natureza e do homem primitivo) do littoral de Santa Catharina, as ossadas com que reconstituiu o typo do chamado «homem dos Sambaquis». Sobre a geologia e os fósseis de Santa Catharina escreveu interessante artigo o sr. Carlos Van Lede, ha alguns annos.

Esses depositos de cascas de ostras e mariscos, de conchas, etc., mais conhecidos pelos diferentes nomes de: *casqueiras*, *sernambitibas* e *ostreiras* — têm explicação em Varnhagen (*Historia Geral do Brasil* tomo I, pag. 117, ed. de 1854) e nas *Notas Genealogicas*, pag. 324, do Dr. João Mendes de Almeida.

A costa austral do Brasil está cheia desses *Sambaquis*, que, em lingua tupy, querem dizer: *montões de ostras, collinas de conchas*. No rio Bahú, em Santa Catharina; em Yguape e Ubatuba, no littoral de S. Paulo; e na costa do Ceará e do Pará; são mais abundantes os *Sambaquis*. Pela vasta região da Amazonia abundam os *cômoros* e



*monticuli artificiales* (os nossos *shell-mounds* e *mound-builders*), nos quaes se encontram madeiras e combustíveis fosseis, conchas, ossadas e cascas de molluscos, cinzas e detritos da cozinha primitiva, pedaços e cacos de objectos de barro cozido, fragmentos de pedra lascada, utensilios e instrumentos grosseiramente fabricados. Os *ceramios* da ilha de Marajó (Pacoval e Camutins), tão bem estudados pelo mineiro Domingos Soares Ferreira Penna, de 1875 a 1885, revelaram uma feição interessantíssima da archeologia prehistorica, no Brasil do norte. Na propria zona calcarea do Guaicuby, em Minas (Rio das Velhas) ha por certo muita cousa a desvendar em lapas e cavernas, que o infatigavel Lund não conseguiu explorar, inteiramente. Emfim, um novo mundo a descobrir, nos dominios da nossa antiguidade prehistorica, existe pelo Brasil inteiro. Monumentos grosseiros; vagas inscrições em lapas, rochedos e serras; soterramentos, jazidas, grutas, depositos ossiferos; segredos ainda reconditos nas camadas profundas do sub-solo, nas alluviões e desmontes: tudo isso pede o esforço tenaz dos que amam a paleontologia brasileira.

O vandalismo tem destruido, de parceria com a ignorancia, muitos monumentos da industria primitiva dos aborigenes, dos primeiros occupadores do solo, em remotas edades. A esse respeito narraremos aqui um facto passado em Minas Geraes.

O velho e modesto naturalista mineiro, sr. Dr. M. Basilio Furtado, na sua *Contribuição para o estudo da Zoologia no Brasil* (*Rev. do Arch. Publ. Min.*, tomo VII, pag. 595 a 645), conta que pretendia fazer, na estação secca, uma excursão proveitosa á gruta da Serra de São Geraldo (entre Rio Branco e Viçosa), para nella arrecadar interessantes specimens da nossa fauna e industria prehistoricas: porém, deixou de o fazer, porque soube com grande magua que «um grupo de desoccupados e ignorantes, chefiados por um pharmaceutico (!), dirigira-se ao logar da gruta e tudo inutilisara, fazendo rolar pela montanha abaixo as urnas funebres, os craneos», etc. *Rev. cit.*, pag. 645.

Quantos factos identicos a este não terão occorrido pelo interior do nosso paiz, de norte a sul.

## § VII

### Contribuições de autores nacionaes e estrangeiros ao assumpto

Não é grande a bibliographia sobre o assumpto, de que nos occupamos. Interessantes estudos têm sido dados á publicidade, no Brasil e sobre a nossa geologia, paleontologia, fauna e flora prehistoricas, industria e ceramica das raças primitivas do paiz.

Os *Archivos do Museo Nacional*, do Rio de Janeiro, estão cheios de admiraveis estudos, que representam contribuições valiosissimas

para se aclarar o problema das antiguidades prehistoricas, nesta parte do continente sul-americano.

Mercê desses trabalhos já se pôde fazer uma idéa por conjuncto do estado de civilização dos nossos aborigenes, no periodo da PEDRA POLIDA, principalmente.

Firmam-nos pennas de notaveis investigadores nacionaes e estrangeiros, e por deferencia aos hospedes amigos do Brasil, começaremos a citar os seus nomes, em primeiro logar, embora já no prologo desta *Memoria* tenhamos dado copiosa citação de autores e obras sobre o assumpto.

Carlos Fred. Hartt, o malogrado scientista norte-americano (natural de Cornell), fallecido prematuramente no Rio de Janeiro, aos 38 annos de idade, em 18 de março de 1878, nas suas *Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*; Carlos Wiener, nos seus *Estudos sobre os Sambaquis do sul do Brasil*; Carlos Rath, em *Alguas palavras ethnologicas e paleontologicas a respeito da provincia de São Paulo*; Charles A. White, nas *Contribuições á paleontologia do Brasil* (vide vol. VII dos *Archivos*); Dr. Carlos Von den Steinen, o dedicado explorador allemão do valle do Rio Xingú, em sua obra — *Entre os povos naturaes do Brasil Central*, Berlim, 1894; e, algumas dezenas de annos antes destes autores: Quatrefages, *L'homme fossile en Brésil et ses descendants actuels*; Marquis de Nadaillac, *L'Amérique Préhistorique*; Dr. Carl. Friederich Phil. Von Martius, *Ethnographia da America e principalmente do Brasil*, ed. de Leipzig, 1873; e o Dr. Ferraz de Macedo (portuguez), *Ethnogenia Brasilica*, etc.

Dos nacionaes, enumeraremos os seguintes escriptores do nosso conhecimento, cujos trabalhos estão esparsos em folhetos, revistas, jornaes e outras publicações dadas á estampa, no Brasil, versando sobre antiguidades indigenas, idolos, inscrições, urnas e monumentos funerarios, sambaquis, grutas, etc.

O eminente geographo Dr. Joaquim Caetano da Silva, no seu estupendo livro *O Oyapock*; o medico mineiro sr. dr. Manoel Basilio Furtado, na sua já cit. *Contribuição para o Estudo da zoologia no Brasil*; o naturalista dr. Francisco Freire Allemão, nos *Estudos botanicos*, 1834-66; o sr. Barão de Capanema (Dr. Guilherme Schuch de Capanema, mineiro, natural de Antonio Pereira, Ouro Preto), nos *Apostamentos geologicos*, 1868, e, nos *Ensaios de Sciencia* (1876-80), o estudo d'Os *Sambaquis*, no 1.º numero dessa revista (março 1876), pags. 78 a 89; o conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, no seu estudo ou parecer (1866) sobre a curiosa *Memoria* do viajante Conde de La Hure, tratando das inscrições indigenas encontradas no interior da então provincia da Bahia; o Dr. Ladislao Netto, *Investigações sobre a Archeologia brasileira*; o sr. Dr. João Baptista de Lacerda no seu estudo *O homem dos Sambaquis*; o sr. Dr. José Rodrigues Peixoto, nos seus dous trabalhos: *Contribuição para o estudo anthropolo-*



gico das raças indígenas do Brasil e Novos estudos craneológicos sobre os Botocudos (com estampas); o sr. Carlos Von Koseritz, no trabalho *Sambaquis da Conceição do Arroyo* (Rio Grande do Sul, 1884); o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, nas *Cidades petrificadas e inscrições lapidárias no Brasil* (1887, in *Rev. do Inst. Hist.*, tomo 50); o sr. José Veríssimo, nas *Populações indígenas da Amazonia*, & (1888); Couto de Magalhães, *Ensaio de anthropologia* & (1873); Jayme Reis, *Notícia de antiguidades indígenas em Minas* (tomo 56 da *Rev. do Inst. Hist.*); e, finalmente, os dous mineiros, Dr. José Franklin Masséna e Domingos Soares Ferreira Penna, a respeito dos quaes nos demoraremos um pouco nesta *Memoria*.

Masséna, (nascido em Ayuruóca e fallecido no hospicio Pedro II, a 9 de maio de 1877) foi um alto espirito de scientista e deixou varios trabalhos geographicos, geologicos, astronomicos, mineralogicos, hydrographicos, sobre Minas, sua provincia natal.

As *Investigações scientificas para o progresso da geologia mineira, o Panorama do Sul de Minas, os Quadros da natureza tropical* (ascenção scientifica ao Itatiaia, ponto mais culminante do Brasil); e o notavel escripto, *Geologia de Minas Geraes* (no vol. XLVII, de 1834, da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.* do Rio de Janeiro), contém dados de valor sobre os *fosséis* por elle achados em Minas e sobre as pinturas hieroglyphicas das serras de Ayuruóca, aliás depois melhor explicadas pela Commissão Geologica do Estado de Minas.

#### § VIII

### A obra do scientista Ferreira Penna

Ferreira Penna, o modesto sabio filho de Minas (natural de Oliveira do Pyranga, 1818), fallecido em Belém do Pará, em 1888, teve uma vida accidentada de trabalhos, em prol das sciencias prehistoricas. O vol. I do *Boletim do Museo Paraense*, em 1895, trouxe um curioso estudo do illustre escripto sr. José Verissimo, sobre a vida e os trabalhos scientificos do venerando sabio brasileiro.

Desde 1864, Ferreira Penna se embrenhou na exploração paleontologica da Amazonia, descobrindo monumentos prehistoricos, reconstituindo, por assim dizer, a vida dos primitivos povos amazonicos, a sua industria, costumes, tradições, armas, idolos, etc.

São suas obras principaes, publicadas: *O Tocantins e o Anapu'* (1864, 127 pags.) — *A região occidental da provincia do Pará* (1869, 248 pags.) — *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá* (1874, 33 pags.) — *A ilha de Marajo'* (1875, 80 pags.) — *Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará* (1878, no vol. I das *Archivos do Museo*) — A

*pontamentos sobre os Ceramios do Pará* (1879, no vol. II dos cits. *Archivos*, e mais um estudo, *As Urnas de Maracá*) — *Algumas palavras da lingua dos Aruans* (1881, no vol. IV dos cits. *Archivos*, do Rio de Janeiro) — *Explorações no Amazonas, o Rio Branco* (1883, no tomo I.º da *Revista Amazonica*, de Belém) — *Indios de Marajo'* (1885, no vol. VI dos cits. *Archivos do Museo do Rio de Janeiro*), brilhante estudo, que o professor Carlos Hartt adoptou como parte integrante do seu trabalho já citado (*Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*).

Nessa copiosa bibliographia, deixou Ferreira Penna as provas da sua constante operosidade e amor aos estudos paleontologicos. De muitas inscrições hieroglyphicas, de muitos monumentos da primitiva archeologia amazonica, existentes na ilha de Marajo', na serra de Itaituba, nos rios Tocantins e Anapu', deo elle exacta noticia. Achados do mais alto valor prehistorico: esqueletos completos, ossadas fosséis de animaes extinctos, armas, como machados de diorito, raspadores de silex: utensilios, como almofarizes, alguidares e vasos de pedra ou barro cozido; tangas de barro, idolos coloridos: fragmentos de louça; conchas admiraveis, ornatos varios; foram desenterrados por F. Penna, em pacientes pesquisas, que fez, nos ceramios e nos aterros sepulchraes ou *miracaniheras*, em Pacoval, Arary, Santa Isabel, Maracá, Camutins, Obidos, Serpa, etc. Amigo de sabios estrangeiros do quilate de Carlos Hartt e Agassiz, de Crévaux e Orv. Derby, de Henring e Wallis, de Smith e Lindstone, de Brown e Steere — Domingos S. F. Penna foi o maior contribuidor para a investigação das antiguidades prehistoricas dos Estados do Pará e Amazonas.

Muito lhe deve, portanto, a Paleontologia brasileira.

Elle continuou os trabalhos dos sabios apontados por J. Verissimo e mais os de Burmeister, Natterer, Schreiner, preparando o caminho das futuras investigações de Emilio Goeldi, Barbosa Rodrigues, Henri Coudreau, Stradelli... O que Pedro Lund fez no Sul, Ferreira Penna realisou no extremo Norte do Brasil: tirou do caos a nossa Prehistoria, dando-lhe firme assento nas explorações paleontologicas.

Quando na America do Norte começaram a ser descobertos e estudados os *shell mounds* e outros destroços das eras prehistoricas, naquelle paiz, ponde a sciencia desde logo apontar ao mundo uma legião de sabios paleontologistas, desde Whitney, W. Blake, Walter Hofmann e Dale, até March, James Dana, H. Simons, Mac Lean, Squier, e Davis. Não, porém, temos ao lado de dous estrangeiros eminentes, P. W. Lund e C. F. Hartt, dous nomes nacionaes de alto merito — Ferreira Penna e Ladislao Netto.